

Lula e Banco Mundial: afinidades além do social

Propostas de documento do Bird já estão em execução pelo governo, mas entidade critica substituição de importações

ECONOMIA - BRASIL

Editoria de Arte

Flávia Oliveira
e Luciana Rodrigues

• As afinidades entre o governo Lula e o Banco Mundial (Bird) — principal organismo multilateral de ajuda a programas de desenvolvimento — vão além do simples entusiasmo com a ênfase no social que o presidente quer transformar na marca de sua gestão. Um documento de 673 páginas que o Bird divulga amanhã na internet, com propostas para quase todas as áreas do governo, mostra que os princípios da instituição já foram, em grande medida, abraçados pelo novo governo. O texto foi intitulado "Brazil: equitable, competitive, sustainable — Contributions for debate" (Brasil: igualitário, competitivo, sustentável — Contribuições para o debate).

O documento foi entregue, numa versão preliminar, em novembro do ano passado, por James Wolfensohn, presidente do Bird, ao então recém-eleito Lula e aos seus dois principais colaboradores: os hoje ministros Antonio Palocci, da Fazenda, e José Dirceu, da Casa Civil. Dividido em 15 capítulos, traz sugestões de políticas públicas que vão desde o manejo sustentável da escassez de água no Nordeste até ações para diminuir os custos do crédito no país.

Segundo Vinod Thomas, diretor do Bird no Brasil, o documento, antes de ganhar versão pública, foi discutido com mais sete ministros: Benedita da Silva (Assistência e Promoção Social), Cristóvam Buarque (Educação), Jaques Wagner (Trabalho), Humberto Costa (Saúde), Guido Mantega (Planejamento), Ricardo Berzoini (Previdência) e Tarso Genro (Desenvolvimento Econômico).

Como o documento começou a ser elaborado no primeiro semestre do ano passado, contou com a colaboração de integrantes do governo Fernando Henrique Cardoso e também dos principais assessores dos candidatos à Presidência. Acadêmicos, representantes da sociedade civil e funcionários do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) também foram consultados.

Sugestão de taxar inativos

• O resultado de seis meses de trabalho foi uma publicação de fôlego, que transita pelas áreas de educação e saúde, macroeconomia, sistema financeiro, meio ambiente, infra-estrutura para o desenvolvimento, ciência e tecnologia, segurança pública e inclusão social. É um escopo bem mais amplo do que muitos programas de governo conseguem alcançar.

No trecho dedicado à estabilidade econômica, o enfoque é a necessidade de rigoroso esforço fiscal como precondição para a retomada do crescimento. A receita é a mesma adotada pelo ministro Palocci à frente do Ministério da Fazenda: cumprir metas de superá-

vits fiscais para reduzir a dívida pública e, assim, resgatar a confiança dos investidores estrangeiros, o que abre espaço para a queda dos juros e a recuperação da atividade econômica.

Nos temas mais amplos, como reforma da Previdência, o documento chega a tratar de aspectos pontuais. Sugere, por exemplo, a taxação dos funcionários públicos inativos em 11% — mesmo percentual proposto agora pelo governo no projeto encaminhado ao Congresso. No que diz respeito às mudanças tributárias, o Bird propõe a criação de um imposto sobre valor agregado, idéia semelhante à proposta do governo de unificar a legislação do ICMS, que hoje varia de estado para estado.

Bird propõe até acabar com CEF

• O documento também faz uma defesa enfática da necessidade de aumentar a produtividade da economia. Ou seja, reduzir a burocracia, mudar a estrutura tributária e facilitar o acesso ao crédito. E faz sugestões sobre o papel de órgãos do governo como a Caixa Econômica Federal e o BNDES.

O Bird sugere uma flexibilização no FGTS, para diminuir os custos trabalhistas e aumentar a oferta de emprego. Como os recursos do FGTS são administrados pela Caixa e usados para financiar a casa própria, o documento chega a considerar a hipótese de transformar o banco numa agência do governo ou mesmo fechar a instituição.

O relatório dedica um largo trecho a discutir a excessiva dependência do país de financiamento externo. E faz um diagnóstico preciso do debate que ronda os bastidores do governo Lula. Segundo o texto, há no Brasil duas visões diferentes sobre qual é o principal entrave ao crescimento econômico: a vulnerabilidade externa ou a fragilidade fiscal.

O Banco Mundial defende a solução encampada pelo ministro Palocci, um choque de credibilidade via austeridade fiscal. Mas entra em rota de colisão com o governo Lula ao refutar categoricamente políticas de incentivo à exportação e de substituição às importações, que nesse momento estão sendo desenhadas pelos ministérios do Desenvolvimento e do Planejamento.

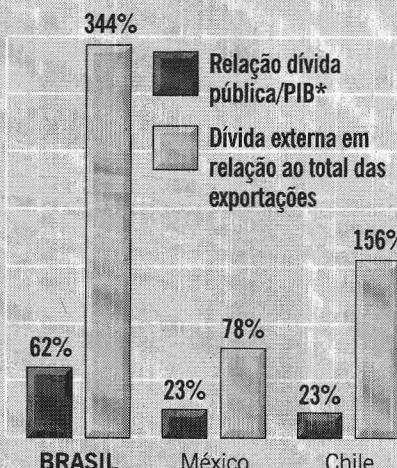
Na área social, o documento propõe uma cruzada pela educação secundária e chama a atenção para a necessidade de melhorar a distribuição dos gastos sociais de R\$ 240 bilhões por ano. Em dez anos, a pobreza no país poderia ser eliminada se os recursos fossem mais bem aplicados. O Bird destaca que, com R\$ 20 bilhões, seria possível resgatar o imenso contingente de brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza. ■

► NO GLOBO ON LINE:

Opine: O Banco Central agiu certo mantendo os juros em 26,5%?
www.globo.com.br/economia

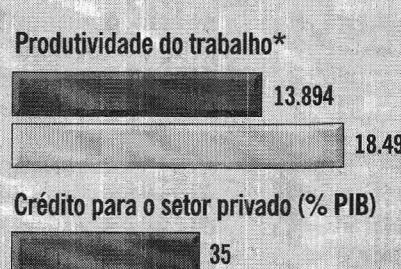
O diagnóstico do Banco Mundial

ESTABILIDADE ECONÔMICA



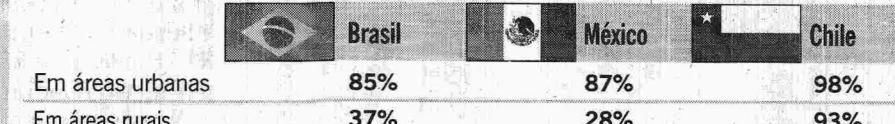
*Os dados se referem a setembro de 2002. Hoje, a dívida pública brasileira responde por cerca de 52% do PIB do país

PRODUTIVIDADE DA ECONOMIA



*Valor adicionado por trabalhador, em dólares

ACESSO DA POPULAÇÃO AO SANEAMENTO BÁSICO



Transparência do governo e acesso a serviços públicos

Índice de governança do Banco Mundial, que varia de -2,5 a +2,5.
Quanto maior, melhor

	Brasil	Chile	México	Espanha	EUA
Eficiência do governo	-0,27	1,13	0,28	1,58	1,58
Controle da corrupção	-0,02	1,40	-0,28	1,45	1,45
Transparência e participação	0,53	0,63	0,12	1,15	1,24

Qualidade de vida da população

	Brasil	México
Matrículas no ensino secundário (%)	33	58
Taxa de analfabetismo (acima de 15 anos)	14,4	8,3
Mortalidade infantil (por mil nascimentos)	30	29
Expectativa de vida em anos	68,1	73
Homicídios por 100.000 pessoas	26,2	17,1

FONTE: Banco Mundial

Ailton de Freitas/25-2-2003



VINOD THOMAS,
diretor do Bird
no Brasil: o
novo
documento do
banco foi
discutido com
nove ministros
do governo
Lula